

DE BRASÍLIA

EDUARDO SUBIRATS

ENTREVISTA

O FILÓSOFO E PROFESSOR DE LITERATURA NA UNIVERSIDADE DE NOVA YORK ACREDITA QUE A AMÉRICA LATINA É TERRENO FÉRTIL PARA O SURGIMENTO DE REDEFINIÇÕES NO CENÁRIO POLÍTICO, ECONÔMICO E CULTURAL DO TERCEIRO MUNDO

Nahima Maciel

Da equipe do Correio

CRÍTICO DO PÓS-MODERNO

Eduardo Subirats não chega a ser um pessimista, mas também não cultiva impressões muito positivas sobre o mundo contemporâneo. Até acredita em perspectivas felizes caso a palavra redefinição seja levada em conta em qualquer projeto atual. Economia, política e cultura precisam ser renovadas antes que o planeta entre em colapso. Eduardo aposta nesta palavrinha. Professor de literatura na Universidade de Nova York (NYU), esse espanhol de 55 anos é conhecido como um crítico da pós-modernidade. Já escreveu sobre a estética das vanguardas, a crise da filosofia contemporânea e a colonização da América. Tem especial apreço pelo Brasil, país onde morou entre 1984 e 1987 e “onde estão os melhores amigos”. O solo tupiniquim foi fértil para movimentos como a antropofagia e o modernismo. Deu ao mundo Brasília, a utopia moderna, e foi, por algum tempo, terra da vanguardas que conseguiram esboçar um projeto de soberania nacional. Isso fascina Eduardo. Na semana passada, o espanhol formado em filosofia na Alemanha e “brutalmente expulso” da Espanha, esteve em Brasília para o seminário *Brasília, Futuro do Pretérito*. Em entrevista ao *Correio*, o autor de *Da Vanguarda ao Pós-Moderno* (1984) e ex-professor da Faculdade de Arquitetura da Universidade de São Paulo falou sobre a construção da soberania brasileira no cenário globalizado. Veja a seguir trechos da entrevista.

CORREIO BRAZILIENSE — Brasília nasceu de um momento em que a construção de uma identidade e independência culturais brasileiras eram vontades muito concretas. Como a crítica pós-moderna vê essa cidade que nasceu de uma utopia moderna?

EDUARDO SUBIRATS — Brasília começou um processo cultural muito amplo que compreende as vanguardas artísticas do Brasil, o nascimento de uma arquitetura moderna brasileira, uma utopia democrática e um desejo de independência e soberania nacional. Também significa a cristalização do esforço da América Latina para construir uma cultura própria, um projeto de crescimento e desenvolvimento autônomo. Colegas dos Estados Unidos e Europa reclamam que a cidade é muito burocrática. Mas Washington não é? Depois criticam os espaços vazios. E Washington não tem espaços vazios? Criticam também o simbolismo militar de alguns elementos, incluindo o Plano Piloto e os ministérios. Mas a cidade mais militarizada do mundo que conheço é Paris! As consciências européia e norte-americana não querem admitir a existência de uma cultura autônoma brasileira. Nesse momento de redefinição do imperialismo sob a lógica da guerra global contra o Terceiro Mundo, eles nunca vão aceitar como válido um projeto que representa a aspiração de soberania, independência e desenvolvimento de uma cultura própria não submetida às regras do jogo protagonizado pelas culturas dominantes.

CORREIO — Você diz que Brasília representa a aspiração de soberania mas que esse projeto precisa ser redefinido. Por quê?

SUBIRATS — Brasília sofreu como símbolo de vanguarda frente às aspirações de domínio global das potências financeiras. O projeto inicial de soberania nacional fracassou, foi desviado pela ditadura militar. Brasília já não era a cidade dos sonhos, mas a cidade dos soldados. E hoje, tem a Brasília pós-moderna. Vi alguns prédios que não conhecia, dos quais três são de Niemeyer — o espelhado (*Ministério Público Federal*), alguns anexos dos ministérios e o (*Centro de Treinamento do*) Banco do Brasil. Fiquei surpreso ao descobrir o Niemeyer pós-moderno, imitando a porcaria da arquitetura das cidades financeiras norte-americanas. Por que acho uma porcaria? O que acho maravilhoso nos projetos iniciais é o tratamento de elementos como água, luz, vegetais. É uma arquitetura luminosa e extremamente sensual. A nova arquitetura representa outra realidade.

CORREIO — Que realidade?

SUBIRATS — O vidro espelhado, por exemplo, do mesmo jeito que os óculos espelhados, é o símbolo do ocultamento. Você não sabe se o prédio é para a guerra, o genocídio. O (*Centro de Treinamento do*) Banco do Brasil é um conceito militar de arquitetura. Não é um espaço, não é uma arquitetura, é um muro de concreto pesado, feio, agressivo e, obviamente, opaco. E os espaços no interior desse muro são completamente obscuros, parecem prisões. Isso simboliza a nova realidade de Brasília, que é a Brasília socialmente fragmentada, sem projeto de soberania, com administração ambígua, não sabe se a serviço do povo brasileiro ou do fórum militar internacional.